VOO SENSORIAL PELA ANTÁRTIDA

William Helal Filho » william@oglobo.com.br

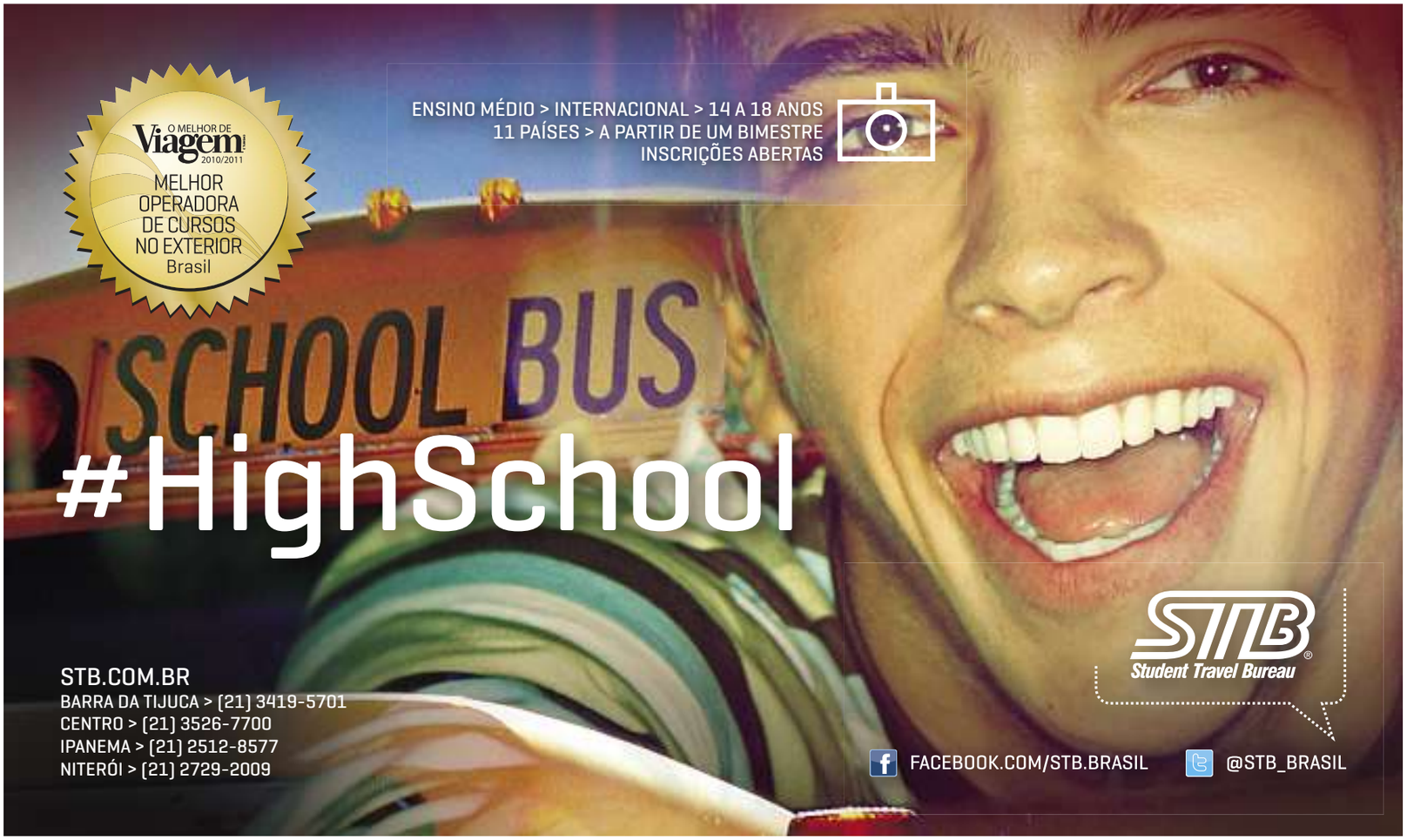
DJ Spooky fala sobre projeto "Terra Nova", espetáculo multimídia de cunho ambientalista que ele traz ao Rio

Divulgação

• DJ SPOOKY põe o som: "A música me manteve vivo quando criança"

O palco do Oi Casa Grande recebe hoje um espetáculo multimídia do americano Paul D. Miller. Mais conhecido como DJ Spooky, o cara é um misto de acadêmico e músico de hip hop. Cresceu apaixonado por aulas de física e história — e era zoado na escola por isso —, mas também pelo som de James Brown e Bad Brains. Hoje, além de um ousado compositor e produtor, o homem é professor e publica livros pela editora do MIT, o prestigiado centro universitário americano voltado para ciência e tecnologia. Esta noite, Spooky apresenta seu projeto "Terra Nova — Sinfonia Antártica", uma viagem sensorial pelo continente gelado que traz um alerta ambiental urgente.

— O mundo está sofrendo mudanças trágicas, e muita gente não entende — alerta o músico.



MEGAZINE: *Como surgiu o projeto "Terra Nova"?*
SPOOKY: Há pouco, vi o filme "Lixo extraordinário", sobre o trabalho do artista plástico Vik Muniz. Quando você vê gente vivendo no lixo, percebe como as coisas estão interligadas. As duas mil pessoas que vivem na Antártida são afetadas por nossos hábitos de consumo, que provocam mudanças climáticas. Com a música, vejo esses fragmentos da mídia, da cultura, e faço uma colagem que conta uma história. O uso de samples é isso: um jeito moderno de contar histórias colando fragmentos. É a arte da edição.

Então, sua motivação foi o meio ambiente?
SPOOKY: Quero fazer as pessoas nos EUA pensarem globalmente, mas é um trabalho duro. Faço projetos em locais remotos, usando a cultura do DJ como passaporte. O projeto na Antártida surgiu porque queria mostrar como a arte reflete o cotidiano, e vice-versa, e como hábitos corriqueiros produzem efeitos radicais. A população dirigindo carros cria algo parecido com uma explosão de bomba atômica no Polo Sul, cujas geleiras estão se despedaçando. Está tudo conectado. O mundo está sofrendo mudanças trágicas, e muita gente não entende.

E como isso tudo funciona ao vivo, no palco?
SPOOKY: O palco convida a uma imersão. Eu vivo e respiro multimídia. Vou fazer parte do set com meu iPad e tocar o material dos músicos com meu iPad também, colando samples e camadas com o software. O vídeo exibido traz imagens que fiz na Antártida e muita informação científica representada com design gráfico que completa as filmagens. É um trabalho lírico de som e imagens, criando uma instalação multimídia que o público absorve como um show, feito de composições e samples meus.

Como o "Terra Nova" se encaixa na sua carreira?
SPOOKY: Como artista, sinto que preciso sair da zona de conforto. A Antártida é um álbum do planeta, com documentos de milhões de anos. Eu só queria tocar esse disco.

O que o fez gostar de música e querer ser músico?
SPOOKY: A música me manteve vivo quando criança. Eu era um nerd, e os outros sempre me sacaneavam, porque eu gostava de física e história. Mas também adorava música e cresci ouvindo bandas como Fugazi, Trouble Funk e Bad Brains. Descobri James Brown e Sly and the Family Stone bem depois.

Você é músico e acadêmico. Como um afeta o outro?
SPOOKY: Desde que comecei a lecionar, aprendi que é preciso ter paciência para as pessoas aprenderem. Cresci fazendo perguntas e ainda estou procurando respostas. Mas, depois de um tempo, percebi que não existem respostas. Só perguntas. Hoje, estou na encruzilhada entre cultura e tecnologia e me sinto confortável em ambos os contextos.

Spooky em dose tripla

- **OI CASA GRANDE:** DJ Spooky mostra o show "Terra Nova — Sinfonia Antártica" no teatro hoje, às 21h. R$ 15 (tem meia).
- **00:** Após a performance intimista, o músico leva sua faceta DJ para a pista do 00, a partir das 23h. R$ 40 (quem for ao Casa Grande paga R$ 20).
- **OI FUTURO:** Amanhã, às 20h, ele dá uma palestra no teatro do Oi Futuro Ipanema. De graça.

qualé?

WILLIAM HELAL FILHO

Dinossauros do hardcore

Ao lado de NOFX e Bad Religion, o Pennywise é uma das bandas mais influentes do punk rock californiano. Cheias de críticas sociais, pedradas como "Fuck authority" e "No reason why" são clássicos do hardcore, e o disco "Unknown road", de 1993, deve entrar em qualquer lista de melhores do gênero. No sábado, o quarteto baixa no Circo Voador com Zoli Teglas nos vocais, após a saída de Jim Lindberg. No show, faixas do último disco, "Reason to believe", e hits dos mais de 20 anos de banda. A partir das 22h. R$ 120 (tem meia).

Divulgação

PISTA

ELETROBASE 11 ANOS*
São 11 anos misturando hip hop com soul, R&B, funk e até samba. O coletivo Eletrobase faz sua festa de aniversário na The Week, sexta-feira agora, a partir de 23h. R$ 50 (eles) e R$ 30 (elas). Não tem meia, mas antecipado custa R$ 30 e R$ 20.

HITS DE FÉRIAS*
Férias, galera! Tempo de cair na noite sem hora para acordar. Sabendo disso, os DJs Caio Loki, Grazzia, Polly e Ivy começam a temporada de verão da festa Hit Me, que só toca o que faz bombar. Quinta, na Pista 3, R$ 30 (R$ 18 até meia-noite e com nome na lista).

MACACOS DO HAVAÍ*
O clima de luau vai se espalhar no Horto. O Clube dos Macacos recebe sexta a Festa dos Macacos Havaianos, com show da banda Cafe Del Mar, de Itacoatiara, e set do DJ Cyro, às 21h30. R$ 50 (antecipado custa R$ 25).

MARACANGALHA 3 ANOS*
A Maracangalha, festa com o melhor da música brasileira que faz dançar, comemora três anos já ligando o "modo carnaval". Na sexta, essa trupe domina a Fundição Progresso e recebe um show do Cordão da Bola Preta, a partir de 22h. R$ 40 (tem meia).

SHOW

BEBEL NO CIRCO*
Bebel Gilberto rodou o mundo com o álbum "All in one" e escolheu o Rio como a última parada da turnê. Quinta-feira, a cantora baixa no Circo Voador, a partir de 22h. R$ 60 (tem meia).

MÚSICA GRÁTIS NA UFF
De amanhã a sexta, o Festival Musical Mente Plural leva ao campus da UFF shows de BNegão e os Seletores de Frequência, Emicida, Tereza, Sobrado 112 e artistas da faculdade em Niterói. Também vai ter debate, vídeos, oficina de slackline e grafite. Tudo grátis e a partir das 13h. Os shows começam às 22h.

CINEMA

MEIO BILHÃO DE AMIGOS
A história de sucesso do Facebook, hoje com mais de 500 milhões de usuários, começou cercada de mentiras e trapaças. É o que conta o filme "A rede social", de David Fincher, com Jesse Eisenberg, Justin Timberlake e Andrew Garfiel no elenco. Estreia sexta.

O CHILE EM CARTAZ
A Cinemateca do MAM exibe filmes chilenos, curtas e longas-metragens, realizados desde 1910, passando pelos anos de ditadura e até os dias atuais. A partir de quinta, às 18h30. Grátis.

MOSTRA

ARGENTINO NO MAM
Depois de representar seu país na Bienal de Veneza, ano passado, o argentino Luis Felipe Noé faz a maior exposição de sua vida no MAM, a partir de hoje. São 55 pinturas, desenhos e instalações, feitas nos últimos 50 anos. R$8 (tem meia).

» william@oglobo.com.br

*** Não recomendado para menores de 18 anos.**

A banda pernambucana Del Rey, que toca 'hits' de Roberto e Erasmo, volta ao Rio • 2

Fenômeno editorial na Espanha, María Dueñas ganha edições em 20 países • 3

Divulgação/Sunand Prasad

A FOTO "Greenhouse gas", do designer e arquiteto Sunand Prasad, feita no Ártico em 2008, durante outra viagem promovida pela ONG inglesa Cape Farewell, e já exposta na Tate: aquecimento global como inspiração

Arte no fim do mundo

Expedição de músicos, escritores e artistas plásticos ao Ártico usa a cultura para chamar a atenção para as mudanças climáticas

Carlos Albuquerque

A união entre arte e meio ambiente vai longe. Vai ao Ártico, por exemplo, destino final de uma expedição híbrida, criada pela ONG inglesa Cape Farewell (capefarewell.com), que usa a cultura para chamar a atenção para as mudanças climáticas. A bordo do Noorderlicht, uma escuna de quase cem anos, especialmente preparada para a viagem, iniciada na sexta-feira passada, estão músicos, escritores, poetas, designers, fotógrafos e artistas plásticos, além de biólogos, climatologistas e oceanógrafos.

A proposta da Cape Farewell é que, na volta, após o convívio de 25 dias com os cientistas e o contato com uma das regiões do planeta mais sensíveis ao aquecimento global, o primeiro grupo — que inclui a diretora teatral inglesa Deborah Warner, a artista plástica canadense Iris Häussler, a performer americana Cynthia Hopkins e o DJ Spooky (*leia mais no quadro ao lado*) — produza material inspirado pelo fenômeno.

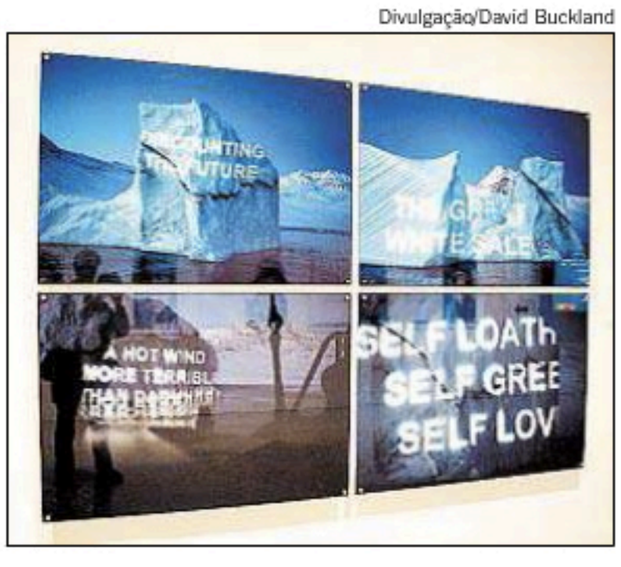
Parte dessa resposta cultural às mudanças climáticas — como textos e vídeos — já pode ser acompanhada no site da ONG, e também via Twitter e Facebook. Depois, esse material será disseminado por meio de exposições, filmes e debates.

— Queremos que esses trabalhos artísticos inspirados pela viagem inspirem também o público — diz David Buckland, fundador da ONG. — Dessa forma, as pessoas podem desenvolver uma empatia pelo tema, seja curiosidade ou fascínio, levando a uma mudança de comportamento.

O resultado de expedições anteriores promovidas pela ONG — ao Ártico e aos Andes, entre 2007 e 2009 — pode ser conferido na mostra "Unfold: A cultural response to climate change", iniciada no fim de agosto e em exibição até o começo de outubro, na Kings Place Gallery, em Londres.

Continua na página 2

Divulgação/David Buckland



DETALHE da mostra "Unfold", com trabalhos produzidos em expedições anteriores: em cartaz na galeria Kings Place, em Londres

Sons e imagens que vêm do frio

• Um dos mais célebres integrantes da expedição ao Ártico da Cape Farewell, o americano Paul D. Miller sabe muito bem o que é entrar numa fria. Músico, escritor, cineasta e professor de Filosofia, Miller, mais conhecido pela alcunha artística DJ Spooky, já esteve em outro extremo do planeta, a Antártica, em 2007. O resultado dessa viagem foi a obra multimídia "Terra nova: sinfonia Antarctica", que mistura sons pré-gravados com um quarteto de cordas tocando ao vivo, além de imagens de arquivo e outras gravadas por Spooky no local. O espetáculo, que já foi exibido na Europa e nos EUA, será apresentado no Rio em novembro, na série Multiplicidade, no Oi Futuro Flamengo.

— Sou fascinado pela Antártica desde que era criança, e, mais tarde, quando era adolescente e li histórias de HP Lovecraft e ouvi o trabalho de Vangelis e o seu disco "Antarctica" — conta ele. — É um lugar isolado, sem governo e sem ligação formal com qualquer país. Boa parte do meu trabalho é feito a partir de documentos, sejam livros ou discos. Na Antártica, porém, foi como criar a partir do nada, do vazio, do isolamento. É um lugar perfeito para gerar metáforas, seja através dos efeitos do aquecimento global ou da possibilidade de furar o gelo e saber mais sobre a História da Terra e de nós mesmos.

Isolamento, porém, não é o forte de Spooky. Ao longo de uma carreira que mistura, brilhantemente, atividades artísticas e acadêmicas, ele já trabalhou com nomes tão variados como Yoko Ono, Ryuichi Sakamoto, Saul Williams, Sonic Youth, Slayer, Steve Reich, Moby, Kronos Quartet, David Byrne, Brian Eno e Bernardo Bertolucci.

Spooky também escreveu diversos livros, o mais recente deles, "Sound unbound", uma série de artigos sobre arte digital, lançado pela MIT Press, a editora do renomado Massachusetts Institute of Technology. Não é surpresa, portanto, vê-lo tocando não apenas em clubes, como um DJ "comum", mas também em lugares como o Lincoln Center, em Nova York, ou a Tate Modern, em Londres.

— É, de fato, curioso e estranho para quem está de fora, mas acho que essa variedade de lugares onde me apresento serve para reconstruir e amplificar a área de atuação de um DJ. As pessoas ainda estão tentando entender o que significa criar com colagens musicais, o trabalho de todo bom DJ, e arte digital. Por isso, é muito divertido, acima de tudo, surpreender as pessoas que acham que um DJ é só aquele cara que toca discos.

Hiperativo, Spooky também dirigiu alguns filmes, como "Rebirth of a nation", um remix visual de "Birth of a nation", controverso trabalho de D.W. Griffith, lançado em 1915 e considerado uma apologia ao racismo. Ele também acabou de desenvolver um aplicativo para o iPhone, o DJMixer, que permite que se façam mixagens e colagens no celular.

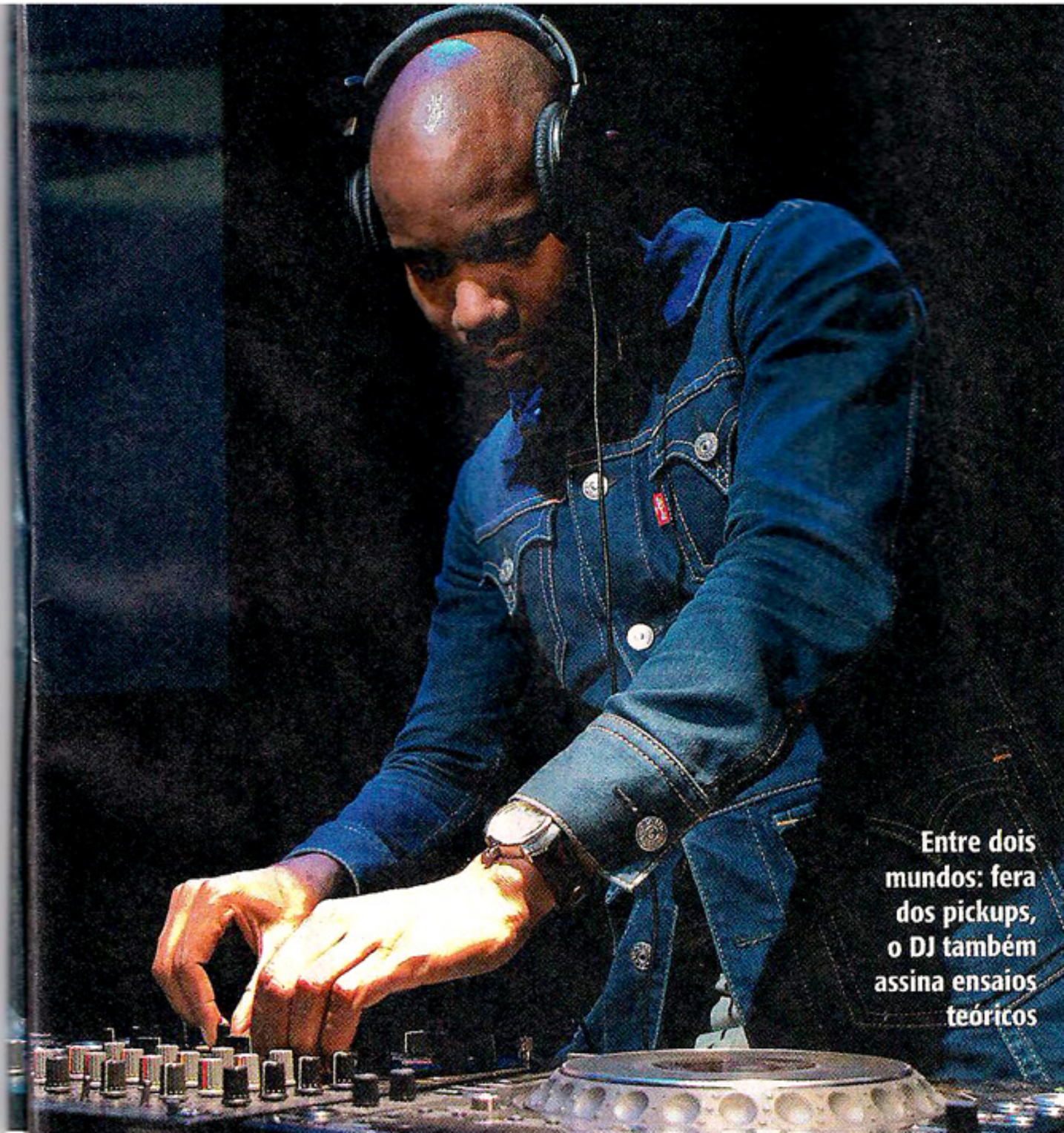
— Sou fascinado por colagens. É como montar e desmontar um gigantesco quebra-cabeças. Comunismo, opressão, liberdade, cinema, hipocrisia, racismo, heavy metal e hip-hop. Vivemos num mundo de misturas. O Brasil é um pouco isso: escravidão, ditadura, democracia, quilombos, Brasília, Villa-Lobos, Vik Muniz, Gilberto Gil e Tom Zé. O Brasil é a essência do *mash-up*. Não consigo imaginar lugar mais fascinante. Talvez só a Antártica. Ou o Ártico.

Divulgação

INTEGRANTE da expedição, o americano DJ Spooky vai apresentar no Brasil, em novembro, a obra multimídia "Terra nova"

Noite

Spooky. Nascido em Washington, Paul D. Miller não é um DJ qualquer. Também usa seu nome artístico, Spooky, para assinar obras acadêmicas nas quais discorre sobre o papel do remix dentro da sociedade contemporânea. Nos textos, ampara-se em conceitos de filósofos do porte de Gilles Deleuze e Theodor Adorno. Em uma de suas mais notórias invenções multimídia, usou trilha sonora própria e desconstruiu o clássico do cinema americano *O Nascimento de uma Nação*, de D.W. Griffith. Próxima atração do projeto Multiplicidade, ele vem ao Rio mostrar seu lado cabeça. Na terça (30), no Oi Casa Grande, apresenta o espetáculo visual e musical *Terra Nova Sinfonia Antarctica*, de conscientização contra o aquecimento global. Como ninguém é de ferro, no mesmo dia, mais tarde, assume os pickups do 00, na Gávea. Vai tocar illbient, derivação do hip-hop que privilegia climas e batidas em vez das rimas. Os brasileiros Gustavo MM e Nado Leal completam o programa. *Pág. 74*



Entre dois mundos: fera dos pickups, o DJ também assina ensaios teóricos